

CORREIO BRAZILIENSE

ECONOMIA

POLÍTICA ECONÔMICA

Resolvida a eleição municipal, o governo volta-se para o pleito de 2006. O Planalto já definiu o crescimento do PIB como caminho para a reeleição. Juros mais altos agora não impedirão expansão em 2005 e 2006

Lula joga as fichas na economia

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O governo federal vai centrar todos os esforços na área econômica para garantir a reeleição do presidente Lula em 2006. Encerradas as eleições municipais, os assessores mais próximos de Lula no Palácio do Planalto garantem que, agora, mais do que nunca, o presidente reforçará seu apoio à política conduzida pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci. Lula está convencido de que a continuidade do crescimento econômico em 2005 e 2006 será decisiva para lhe dar mais quatro anos de poder.

Segundo um integrante do primeiro escalão do governo, ao contrário do que muitos disseram logo depois da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), há duas semanas, Lula não ficou irritado com o aumento da taxa básica de juros (Selic) de 16,25% para 16,75% ao ano. O presidente não só foi preparado para a subida da taxa, como avalizou a medida. Lula está certo de que vale mais a pena arrochar a economia neste momento e comprometer um pouco o crescimento previsto para 2005 do que pôr em risco o desempenho de 2006.

No cenário traçado pelo Planalto, com os juros subindo até o final deste ano, os índices de inflação vão ceder, abrindo espaço para a Selic começar a cair a partir de março ou abril. Com isso, o governo acredita que, já no segundo semestre do ano que vem, a economia estará embalada novamente, garantindo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 3,5% para 2005 e acima de 4% em 2006. "Nesse contexto, fica difícil não apostar na reeleição do



DE OLHO EM 2006, O PRESIDENTE LULA APÓIA A POLÍTICA CONDUZIDA PELO MINISTRO DA FAZENDA, ANTONIO PALOCCI, INCLUSIVE O APERTO MONETÁRIO

presidente Lula", destaca um técnico do Ministério da Fazenda.

Factível

Na avaliação de Nuno Câmara, economista do Dresdner Bank em Nova York, o quadro traçado pelo Planalto é 100% factível de se confirmar. "Em todos os nossos estudos, vemos a economia brasileira em expansão e com grandes chances de Lula ser reeleito em 2006. Mesmo com o fortalecimento da oposição nas últimas eleições municipais", assina-

la. Para Nuno Câmara, a classe média, que votou em massa nos candidatos da oposição nas regiões mais ricas do país, continuará apoiando Lula diante dos bons frutos colhidos na economia e, sobretudo, por causa da queda do desemprego.

"O que ocorreu nas eleições de São Paulo e de Porto Alegre, onde o PT perdeu as prefeituras, foi reflexo de fatores locais. Não houve, de forma nenhuma, um voto de protesto contra o governo federal, até porque os resultados da

economia têm sido muito bons. O Brasil terá, em 2004, o maior crescimento do PIB dos últimos dez anos", destaca o economista do Dresdner Bank.

O professor Simão Davi Silber, da Universidade de São Paulo (USP), reforça esse ponto de vista. "Em uma eleição presidencial, o que importa é o andamento da economia. O resto é firula", afirma. A seu ver, nem mesmo as possíveis dificuldades que o Planalto enfrentará no Congresso para aprovar medidas importan-

tes que facilitem o andamento da economia — as reformas microeconômicas, por exemplo — serão capazes de minimizar o crescimento em 2005 e 2006.

"Em todos os planejamentos feitos pelos especialistas, o PIB dos próximos dois anos crescerá entre 3% e 4%", ressalta Simão, lembrando que, pelos modelos teóricos, o efeito da alta dos juros sobre a economia demora entre seis e nove meses para se dissipar por completo. "Ou seja, o impacto dos juros altos já não

será mais sentido no segundo semestre de 2005", diz.

Falhas e crises

Para Alexandre Maia, economista-chefe da Gap Asset Management, se realmente não falhar na condução da política econômica, dificilmente Lula deixará o Palácio do Planalto em 2006. "Em todo o mundo é assim. Quando a economia está bem, o governo sai vitorioso das urnas", enfatiza. "Não vejo como isso pode ser diferente no Brasil", acrescenta. O único senão para os planos de reeleição de Lula pode vir do exterior, com o estouro de uma grave crise. Mas, na conjuntura atual, não há nada de sério pairando no ar.

O Planalto está tão confiante na força da economia para sustentar a campanha da reeleição de Lula em 2006 que já começa a fazer as contas do saldo computado nos quatro anos do primeiro governo. Se confirmadas as projeções para este ano, de crescimento do PIB de 4,5%, de aumento de 3,5% em 2005 e elevação acima de 4% no ano seguinte, a expansão média econômica do país na era Lula ficará em 3% (houve queda do PIB de 0,2% no ano passado), bem acima da média de 2,2% dos oito anos da gestão Fernando Henrique Cardoso.

"Não há dúvidas de que o Brasil está mudando de patamar de crescimento para uma média próxima de 4%, taxa bastante razoável", afirma Simão. Portanto, como acrescenta um assessor de Lula, o ministro da Fazenda vai ampliar ainda mais a sua importância dentro do governo nos próximos dois anos. "Serão totalmente rechaçadas por Lula todas as possíveis tentativas de destabilização de Palocci. Ele está mais forte do que nunca", conclui o assessor.